



EXCLUSIVO OPINIÃO

Optimistas vs Catastrofistas: 1-0

Independentemente dos riscos, reais ou imaginados, que a inteligência artificial possa causar, é inegável que o diálogo e a análise objectiva das questões levantadas pela tecnologia são essenciais.



Arlindo Oliveira

4 de Dezembro de 2023, 6:13

Oferecer artigo 6



Ouça este artigo

00:00

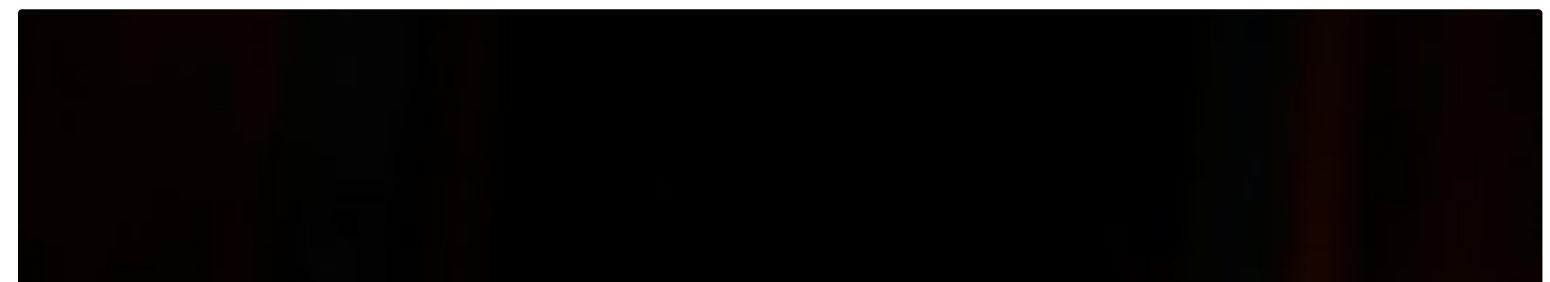
05:42

Não terá passado despercebida, mesmo para o leitor menos atento, a saga que se desenrolou na OpenAI (<https://www.publico.pt/2023/11/27/tecnologia/noticia/open-ai-telenovela-decorrer-mercado-inteligencia-artificial-2071610>), a empresa que desenvolveu e disponibilizou o popular modelo de linguagem ChatGPT (<https://www.publico.pt/chatgpt>), cujo lançamento público fez esta semana um ano. No curto espaço de cinco dias (<https://www.publico.pt/2023/11/22/tecnologia/noticia/ultima-semana-pai-chatgpt-sam-altman-saiu-voltou-lideranca-openai-2071159>), o CEO da empresa, Sam Altman, foi despedido, substituído no cargo, acusado de comportamento pouco transparente e, finalmente, readmitido na mesma posição, após uma recomposição quase total do conselho de administração que tinha decidido demiti-lo.

Estes cinco dias foram férteis em acontecimentos surpreendentes, que incluíram a nomeação em rápida sucessão de dois CEO interinos, um volta-face de um dos membros do conselho e reconhecido cientista da área que tinha votado pela demissão (Ilya Sutskever), um abaixo-assinado da maioria dos colaboradores da empresa ameaçando com uma demissão em massa, e uma proposta de contratação de Sam Altman pela Microsoft para liderar uma nova unidade dentro da empresa.

Parte do drama resulta da peculiar estrutura organizacional da OpenAI, que foi criada em 2015 como uma instituição privada sem fins lucrativos com a missão de criar sistemas com inteligência artificial (<https://www.publico.pt/inteligencia-artificial>) geral, ou seja, sistemas que exibam inteligência tão flexível e adaptável como a dos seres humanos.

Estabelecida com um capital inicial de mil milhões de dólares, doados por um grupo de empresários que incluía, entre outros, Sam Altman, Greg Brockman, Peter Thiel e Elon Musk, a OpenAI não era uma empresa, no sentido habitual do termo, mas uma instituição com as características de uma fundação, gerida por um conselho de administração com um estatuto muito específico e pouco usual. Ao contrário do que é normal numa empresa, a missão deste conselho não é a de proteger os interesses dos accionistas e outros detentores de interesses directos na empresa, mas a de defender os “interesses da humanidade”.



Posteriormente, em 2019, veio a ser criada uma empresa, o que permitiu levantar muito mais capital, mantendo-se, porém, a dependência entre a empresa e a fundação, sendo que o conselho de administração da OpenAI (Fundação) tem controlo sobre ambas as instituições. Foi nesta empresa, que tinha limites estatutários à distribuição de lucros, que a Microsoft veio a investir mais de 10 mil milhões de dólares, embora, devido à estrutura peculiar da OpenAI, não ficasse com uma capacidade de controlo proporcional ao seu investimento.

É neste enquadramento, algo complexo e pouco comum, que se desenrolaram os acontecimentos das últimas semanas. A razão última desses acontecimentos é, sem sombra de dúvidas, o conflito entre as diferentes posições que os profissionais, [investigadores](https://www.publico.pt/2023/11/23/tecnologia/noticia/investigadores-openai-preocupados-nova-descoberta-ia-demissao-ceo-2071201) (<https://www.publico.pt/2023/11/23/tecnologia/noticia/investigadores-openai-preocupados-nova-descoberta-ia-demissao-ceo-2071201>) e académicos da área da inteligência artificial têm adoptado face aos desenvolvimentos futuros da tecnologia.

Os mais conservadores e pessimistas (conhecidos como “AI doomers”, em inglês) têm defendido que novos desenvolvimentos nestas áreas deverão ser feitos de forma progressiva, acautelando devidamente os possíveis riscos e, em particular, os riscos de estes sistemas virem a ter comportamentos catastróficos para a Humanidade. Muitos deles têm defendido, através de abaixo-assinados e outros mecanismos, a redução do ritmo de desenvolvimento da tecnologia ou mesmo a suspensão de novos desenvolvimentos.



Os mais temerários e optimistas (conhecidos como “*AI boomers*”) entendem, pelo contrário, que o rápido desenvolvimento da tecnologia conduzirá a inúmeros benefícios, económicos, sociais e ambientais, e advogam a rápida adopção de novas abordagens e técnicas. Esta posição, que pode ser considerada mais pragmática, é, porém, menos cautelosa e está também naturalmente alinhada com a possibilidade de maiores retornos financeiros para as empresas que vierem a ter sucesso no desenvolvimento dos novos sistemas.

A maioria dos membros do anterior conselho de administração da OpenAI pertence à primeira categoria, enquanto Sam Altman, o anterior e actual CEO, pertence claramente à segunda. É mais ou menos claro que foram as diferentes visões sobre a melhor forma de a OpenAI desenvolver as tecnologias de inteligência artificial que terão conduzido à sequência de eventos a que assistimos nas últimas semanas. O conselho terá decidido que a estratégia adoptada por Sam Altman era demasiado agressiva e poderia trazer riscos inaceitáveis para a Humanidade, embora ninguém tenha explicado de forma clara que componentes da estratégia estavam em jogo ou que riscos poderia causar.

No processo, apareceram rumores, até agora não confirmados, de que tinha sido desenvolvida uma nova técnica (Q^*) que poderia conduzir a um salto qualitativo nas capacidades dos sistemas de inteligência artificial. Embora não sejam conhecidos quaisquer detalhes desta hipotética técnica, as especulações são numerosas, incluindo a de que poderia resultar da confluência de dois conhecidos algoritmos de optimização da área da inteligência artificial: *Q-learning* e A^* , qualquer deles conhecido há muitas décadas.

Como já tive oportunidade de referir em artigos [anteriores](#), a comunidade científica encontra-se fortemente dividida sobre esta questão, embora pareça ser claro que a maioria dos investigadores aposta no desenvolvimento rápido da tecnologia e encara com relativamente pouca preocupação os riscos associados.



No entanto, torna-se cada vez mais claro que esta questão vai desempenhar um papel importante na definição da estratégia de desenvolvimento tecnológico dos grandes blocos económicos, União Europeia, Estados Unidos, China e Japão, para citar apenas aqueles onde a tecnologia se encontra mais desenvolvida. As intensas discussões que têm ocorrido durante a fase final da elaboração do *Artificial Intelligence Act* (<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=celex%3A52021PC0206>) são disso testemunha, estando a evidenciar-se divisões sérias entre os países europeus na abordagem que defendem a esta questão.

Independentemente dos riscos, reais ou imaginados, que a inteligência artificial possa causar, é inegável que o diálogo e a análise objectiva das questões levantadas pela tecnologia são essenciais para que desta seja possível extrair o maior valor económico possível sem com isso criar riscos inaceitáveis nem causar divergências e cismas intransponíveis entre países e blocos económicos. No que respeita à saga da OpenAI, é claro, para já, que a primeira vitória foi dos optimistas e que os catastrofistas foram derrotados. Mas a discussão apenas começou e a questão está longe de estar encerrada.



Abrir portas onde se erguem muros

Siga-nos

- ✉ Newsletters
- 🔔 Alertas
- f Facebook
- 🐦 Twitter
- 📷 Instagram
- in LinkedIn
- 📺 Youtube
- 📡 RSS

Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda



Oferecer assinatura



Serviços

Aplicações

Loja

Meteorologia

Imobiliário

Assinaturas

Edição impressa

Jogos

Newsletters exclusivas

Estante P

Opinião

Assinar

Informação legal

Principais fluxos financeiros

Estrutura accionista

Regulamento de Comunicação de Infracções

Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas

Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção

Gerir cookies

Ajuda

Termos e condições

Política de privacidade

EMAIL MARKETING POR



@ 2023 PÚBLICO Comunicação Social SA